

Especialização dos Espaços e Espacialização da Morte: Mudanças no espaço do Cemitério Municipal de Irati-PR.

Wislaïne Carneiro de Oliveira (UNICENTRO)

Resumo: A inclusão da vida humana nas estratégias de poder nos leva a pensar qual o papel que a morte assume em um gerenciamento estratégico, que visa não só à disciplinarização da vida, como também sua preservação, sua potencialização e majoração. Face ao biopoder e as suas formas de exercícios, a questão da morte torna-se importante no contexto da modernidade. Se o poder se aplica à vida, o mesmo não acontece em relação à morte. A morte não está dentro dos domínios em que o poder é capaz de estabelecer relações. Nesse sentido, a morte tem sido cada vez mais afastada pela influência dos mecanismos de poder, visto que com o exercício do poder pautado pela vida, ela é o limite, não controlável, que deve ser banido, para a própria garantia do poder que tem por princípio gerir a vida. Os espaços destinados aos mortos em uma sociedade, em muitos aspectos, refletem o mundo dos vivos, sendo ambos regidos pela mesma lógica de organização. Acreditamos que os cemitérios, juntamente com o movimento de isolar os mortos justificado pelas práticas sanitaristas e pelo avanço da medicina social urbana, podem ser incluídos ao lado de outros aparelhos disciplinares, como prisões, conventos, manicômios, colégios, quartéis e hospitais, que fundamentam a observação, o controle e o domínio no isolamento, na meticulosa organização e repartição do espaço. Nesta perspectiva, apresentaremos neste artigo, uma reflexão sobre alguns modos e estratégias arquitetados para promover uma disciplinarização do espaço do Cemitério Municipal de Irati-PR. Percebemos que há uma crescente padronização das edificações no cemitério, bem como este tem sido cada vez mais murado, cuidadosamente repartido, quadriculado e geometricamente alinhado através das ruas e quadras. A circulação é bem definida e visível e em cada sepultura há números que identificam os mortos e permitem a imediata classificação e localização. A construção de muros mais altos, sepulturas mais padronizadas e sem ornamentos e do portal com holofotes no cemitério parecem satisfazer a necessidade de isolá-lo, vigiá-lo e de escondê-lo dos habitantes da cidade, assim como a imagem da morte que ele representa.

Palavras-chave: Espacialidades; Morte; Cemitérios.

História: estudo do homem no Tempo e no espaço¹.

Há um intenso debate na historiografia acerca dos recortes espaciais, a História continental, a História nacional e a História regional são alguns exemplos, e é comumente encontrarmos noções tais como território, lugar, paisagem, região e espaço na demarcação dos objetos de pesquisa. Este debate teve início no âmbito de estudos que constataram que as ações que podem ser historicamente consideradas, ocorrem em um espaço que muitas vezes é um espaço geográfico ou político, e que, sobretudo, é em espaço construído historicamente. Ao se duvidar e problematizar as demarcações espaciais que encontra em seu objeto e não mais considerá-las como delimitadoras de sua ação, o pesquisador pode encontrar uma série de objetos historiográficos que não se ajustam aos limites pré-existentes: por exemplo, uma determinada prática cultural, pode gerar uma região específica que pouco tenha a ver com um recorte administrativo de um estado, nação ou município. Do mesmo modo, um acervo documental de uma paróquia pode extravasar ou não abarcar a noção contemporânea que temos sobre determinado território e uma realidade econômica, social ou cultural pode não coincidir necessariamente com a região geográfica no sentido tradicional.

Destas distorções, podem surgir problemáticas significantes para a prática historiográfica, ou ainda evidencia-se e passa ser possível entendê-las como resultantes de disputas pelo monopólio de definições consideradas legítimas a um dado recorte geográfico por determinados sujeitos ou grupos. Encontramos nestes estudos um esforço, e até a criação de novos paradigmas², para se entender as distintas ordenações/reordenações espaciais.

Michel Foucault: possibilidades para uma história dos espaços.

10.4025/6cih.pphuem.655

São fortes e claras as implicações e percepções de Foucault sobre a espacialidade, desde a arquitetura de hospitais e prisões, os espaços das bibliotecas, a análises de urbanismo e saúde urbana à exclusão e distribuição espacial do conhecimento. Tais teorizações podem configurar-se como uma possível contribuição para o estudo das espacialidades em História

Em 1967, Foucault apresentou uma conferência no *Circle d'études architecturales*, na Tunísia, intitulada “Outros espaços” (*Des Espaces Autres*, no original)³ e nela centrou sua fala sobre o conceito que chamou de “heterotopia”⁴. (FOUCAULT, 2004).

Introduzindo o assunto das heterotopias, Foucault defende que seria preciso fazer uma “história dos espaços” que seria ao mesmo tempo uma “história dos poderes”, que estudasse desde as grandes estratégias da geopolítica até as pequenas táticas do habitat, da arquitetura, da sala de aula ou da organização hospitalar. Este estudo partiria das práticas cotidianas dos que verdadeiramente “usam”, produzem, se reproduzem no espaço. Práticas essas que permanentemente atualizam forças, lutas, embates e contradições entre diferentes interesses e significados:

Podemos dizer, de uma forma muito simplista de traçar a história do espaço, que durante a Idade Média existia um conjunto hierárquico de lugares: numa primeira instância, os lugares imediatamente associados à vida real do homem, com as dicotomias entre lugares sagrados e lugares profanos, lugares protegidos e lugares expostos, lugares urbanos e lugares rurais; nas teorias cosmológicas, existiam os lugares supra-celestiais, opondo-se aos celestes e estes, aos terrestres. E ainda havia também lugares onde certas coisas eram colocadas porque tinham sido deslocadas, por sua vez, de uma forma violenta, e, pelo contrário, lugares onde as coisas encontravam as suas base e estabilidade naturais. Estas oposições e intersecções de lugares formavam uma hierarquia acabada e é o que nós podemos indicar, ainda que muito imperfeitamente, como espaço medieval: o espaço em que cada coisa é colocada no seu sítio específico, o espaço da disposição. (FOUCAULT, 2005, s/p).

Assim, em relação a historia do espaço ocidental, durante a Idade Média, prevalecia o espaço da disposição, da fixidez, que foi aberto por Galileu. “O

10.4025/6cih.pphuem.655

escândalo profundo suscitado pelas suas investigações não foi o fato de ter descoberto, ou melhor, redescoberto que a Terra girava à volta do Sol, mas na constituição do conceito de infinito e, o que é implícito, de um espaço infinitamente aberto” (FOUCAULT, 2005, s/p). Os “lugares” da Idade Média acabam por se dissolver, afinal, agora um lugar de uma coisa não passava de um ponto do seu movimento, assim como a estabilidade dessa coisa não passava afinal da infinita desaceleração do seu movimento. Deste modo, Galileu e todo o século dezessete foram os primeiros de todo um movimento que substituiu a disposição pela extensão.

Hoje a justaposição substitui a extensão que, por sua vez, tinha substituído a disposição. Esta justaposição fica mais clara ainda, quando pensamos, por exemplo, nas novas tecnologias de comunicação, principalmente daquelas relacionadas à ciberespaço⁵:

(...) o armazenamento de dados ou de resultados intermédios de um cálculo numa memória; a circulação de elementos distintos com um output aleatório (exemplos simples: o tráfico automobilístico ou os sons da linha de telefone); a identificação de elementos assinalados e codificados que fazem parte de um todo, construído aleatoriamente ou segundo classificações, sejam elas simples ou múltiplas. (FOUCAULT, 2005, s/p).

De uma forma mais “concreta”, o problema da disposição das coisas, para Foucault surge à Humanidade na forma da demografia. Que “(...) *não se reduz apenas, a saber, se existirá ou não espaço para todas as pessoas no mundo – que é decerto importante*” (FOUCAULT, 2005, s/p), mas sobretudo, que tipos de armazenamento, circulação, marcação e classificação de elementos humanos devem ser adotados em determinadas situações para atingir determinados fins.

Foucault aponta que:

(...) apesar de toda a técnica desenvolvida de apropriação do espaço, apesar de toda uma rede de relações entre saberes que nos ajuda a delimitá-lo ou formalizá-lo, o espaço contemporâneo não foi ainda totalmente dessacralizado (pelo que parece, uma atitude aparentemente diferente da que foi tomada perante o tempo, arrancado da esfera do

10.4025/6cih.pphuem.655

sagrado no século dezenove). Na verdade, uma certa dessacralização do espaço ocorreu (sublinhada pela obra de Galileu), mas ainda não atingimos o ponto ótimo dessa dessacralização. (FOUCAULT, 2005, s/p).

A nossa vida ainda se rege por certas dicotomias, por exemplo, entre espaço público e espaço privado, entre espaço familiar e espaço social, entre espaço cultural e espaço útil, entre espaço de lazer e espaço de trabalho. apontando que todas estas oposições se mantêm devido à presença oculta do sagrado.

Enfatizando a importância dos estudos espaciais, Foucault propõe a criação de uma *heterotopia*, que tomaria como objeto de estudo estes espaços diferentes. Este estudo partiria das práticas dos que “usam”, produzem, se reproduzem no espaço, pois defende que:

A nossa época talvez seja, acima de tudo, a época do espaço. Nós vivemos na época da simultaneidade: nós vivemos na época da justaposição, do próximo e do longínquo, do lado-a-lado e do disperso. Julgo que ocupamos um tempo no qual a nossa experiência do mundo se assemelha mais a uma rede que vai ligando pontos e se intersecta com a sua própria meada do que propriamente a uma vivência que se vai enriquecendo com o tempo (FOUCAULT, 2005, s/p).

Espaço e poder.

Torna-se pertinente também, a relação que se apresentada entre poder e espaço no pensamento de Foucault, são fortes e claras as implicações e percepções de Foucault sobre a espacialidade, desde a arquitetura de hospitais e prisões, os espaços das bibliotecas, a análises de urbanismo e saúde urbana à exclusão e distribuição espacial do conhecimento. Em uma entrevista publicada na coletânea do livro *Microfísica do Poder*. “Sobre a geografia”, Foucault (2010) assinala:

Reprovaram-me muito por essas obsessões espaciais, e elas de fato me obcecaram. Mas, através delas, creio ter descoberto o que no fundo procurava: as relações que podem existir entre poder e saber. Desde o

10.4025/6cih.pphuem.655

momento em que se pode analisar o saber em termos de região, de domínio, de implantação, de deslocamento, de transferência, pode-se apreender o processo pelo qual o saber funciona como um poder e reproduz os seus efeitos. Existe uma administração do saber, uma política do saber, relações de poder que passam pelo saber e que naturalmente, quando se quer descrevê-las, remetem àquelas formas de dominação a que se referem noções como campo, posição, região, território. (FOUCAULT, 2010, p.158)

Em Foucault (2010), a formação dos discursos e a genealogia do saber não devem ser analisados a partir de tipos de consciência, da percepção ou de formas de ideologia, mas das táticas e estratégias de poder: *“Táticas e estratégias que se desdobram através das implantações, das distribuições, dos recortes, dos controles de territórios, das organizações de domínios”* (FOUCAULT, 2010, p.165).

Foucault (2008) apresenta uma relação muito interessante entre três grandes formas de manifestação do poder: o Poder soberano, Poder disciplinar e o Biopoder e um tipo de espacialidade que se desenha na manifestação de tais. Na primeira delas, que ele denomina de “poder soberano”, que é essencialmente o poder do Estado que exerce soberania sobre um território e que necessita manter uma forma de controle sobre ele, pelo, na defesa de suas fronteiras e da paz interna. No “poder disciplinar”, que surge praticamente junto com esse poder soberano, mas que se estabelece de forma mais enfática na sociedade no final dos séculos XVIII e ao longo do século XIX, é aquele que surge a partir das instituições, não meramente enquanto atreladas à figura do Estado e das leis, mas sobretudo no plano do cotidiano, por meio das normas que as instituições disciplinares vão produzir, desde a escola até o hospital e a prisão, instituições estas que não só conjeturam o macropoder do Estado mas instalam suas próprias normas e seus próprios poderes no interior da “microfísica” do poder disciplinar. No biopoder, sobre o qual a sociedade de controle ou de segurança encontra-se pautada, o controle se dá sobre a vida e sobre as massas, sobre o homem enquanto espécie (biológica), enquanto “população”, é dentro deste quadro que adquirem grande importância as estatísticas de população: em índices como os de natalidade, morbidade, mortalidade,

10.4025/6cih.pphuem.655

fecundidade; atrelados às próprias tentativas de controle da reprodução dessa população.

Foucault faz uma relação entre cada um desses poderes e um tipo de espacialidade que se desenha a partir das manifestações do poder:

Enquanto a soberania capitaliza um território, colocando o problema maior da sede do governo, enquanto a disciplina arquiteta um espaço e coloca como problema essencial uma distribuição hierárquica e funcional dos elementos a segurança vai procurar criar um meio em função de acontecimentos ou de séries de acontecimentos ou de elementos possíveis, séries que vai ser preciso regularizar num contexto multivalente e transformável. (FOUCAULT, 2008, p.27)

No biopoder, há a inversão da máxima do poder soberano, o “velho direito de *causar* a morte ou *deixar* viver” e torna-se cada vez mais central a problemática, apontada por Foucault, de “fazer viver” e “deixar morrer”:

A velha potência de morte que simbolizava o poder soberano é agora, cuidadosamente, recoberta pela administração dos corpos e pela gestão calculista da vida (...) Este biopoder, sem a menor dúvida, foi elemento indispensável no desenvolvimento do capitalismo, que só pode ser garantido à custa da inserção controlada dos corpos no aparelho de produção e por meio de um ajustamento dos fenômenos de população aos processos econômicos. (FOUCAULT, 2009, p.132).

Face ao biopoder e as suas formas de exercícios, a questão da morte torna-se importante no contexto da modernidade. Se o poder se aplica à vida, o mesmo não acontece em relação à morte. A morte não está dentro dos domínios em que o poder é capaz de estabelecer relações: “*Agora é sobre a vida e ao longo de todo o seu desenrolar que o poder estabelece seus pontos de fixação; a morte é o limite, o momento que lhe escapa; ela se torna o ponto mais secreto da existência, o mais “privado”*” (FOUCAULT, 2009, p. 165). Nesse sentido, a morte tem sido cada vez mais afastada pela influência dos mecanismos de poder, visto que com o exercício do poder pautado pela vida, a morte é o limite, não controlável, que deve ser banido, para a própria garantia do poder que tem por princípio gerir a vida.

A inclusão da vida humana nas estratégias de poder, a mutação na relação com morte em um gerenciamento estratégico, que visa não só à disciplinarização da

vida, como também sua preservação, sua potencialização e majoração, estimulamos muito investigar as alterações nos modos de sepultamento, os modos de organização, administração e a interação dos sujeitos com e no espaço do cemitério o espaço do Cemitério Municipal de Irati.

Percebemos que o espaço do cemitério tem sido cada vez mais rigorosamente delimitado e repartido em unidades cada vez menores. Cada vez mais murado, cuidadosamente repartido, quadriculado e geometricamente alinhado através das ruas e das quadras. A circulação é bem definida e visível e em cada sepultura há números, datas e nomes que individualizam os mortos e permitem a imediata classificação e localização, tanto no espaço quanto na escala social.

Deste modo, vislumbramos a possibilidade de que cemitérios podem ser incluídos ao lado de outros aparelhos disciplinares, como prisões, conventos, manicômios, colégios, quartéis e hospitais, que fundamentam a observação, o controle e o domínio no isolamento e na meticulosa organização e repartição do espaço. A construção de muros mais altos, sepulturas mais padronizadas e sem ornamentos no cemitério parecem satisfazer a necessidade de isolá-lo, vigiá-lo e de escondê-lo dos habitantes da cidade, assim como a imagem da morte que ele representa. Ao lado dos loucos, doentes e condenados, os mortos são também excluídos do espaço urbano, igualmente enquadrados e, por extensão, controlados. Agora não se trata mais do morto/indivíduo, mas de uma população de mortos que devem ser organizados, identificados e registrados por códigos. Alinhados e acomodados de modo a ocuparem menos espaço e permitirem melhor vigilância e controle.

¹ Neste subtítulo, aproveitamos o pensamento de José D'Assunção Barros quando este complementa a clássica definição de Marc Bloch, "a História é o estudo do homem no Tempo", atrelando à ela, noção de espaço. (BARROS, 2006, s/p).

² Por exemplo: "Região e história agrária" de Maria Yedda Linhares e Francisco Carlos Teixeira da Silva (1995) apresenta uma narrativa sobre a trajetória de pesquisa dos primeiros estudiosos da história agrária no Brasil, o modo como foi resolvida a questão do recorte geográfico converge para a problemática da região.

³ O manuscrito desta conferência foi publicado pela primeira vez pelo periódico francês “Architecture–Mouvement–Continuité” em outubro de 1984 e posteriormente incorporado na coleção Dits et Ecrits. No Brasil foi publicado na coleção Ditos e Escritos III: Estética - Literatura e Pintura, Música e Cinema, mas preferimos utilizar a versão traduzida por Pedro Moura disponível em: http://www.historiacultural.mpbnet.com.br/pos-modernismo/Foucault-De_Outros_Espacos.pdf

⁴ Heterotopia vem do latim e quer dizer "lugar da alteridade", vem originalmente do estudo da anatomia onde se refere à situação anormal de partes ou órgãos do corpo. O conceito de heterotopia aparece pela primeira vez (muito brevemente), em Michel Foucault, no prefácio do livro *As palavras e as coisas* de 1966. Lá ele afirmou que a idéia deste conceito surgiu da leitura de um texto do escritor argentino Jorge Luis Borges.

⁵ “O ciberespaço seria um grande campo aberto e, até o momento, parcialmente indeterminado. Por sua relevância não se deveria reduzi-lo a um só de seus elementos, como, por exemplo, a interface de um computador pessoal. Ele tem propensão para interconectar-se e combinar-se com diferentes dispositivos de criação, simulação, gravação e comunicação”. (NÓBREGA, 2007, s/p).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASDAM, Knut. **Heterotopia - Art, pornography and cemeteries**. Disponível em <http://www.knutasdam.net/Texts/HeterotopiaKAsdam.pdf>. Acesso em 07 de novembro de 2011.

BARROS, José D'Assunção. **História, espaço e tempo: interações necessárias**. Varia hist. vol.22 no.36 Belo Horizonte 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-87752006000200012&script=sci_arttext Acesso em 25 de junho de 2013.

BODNAR, Christopher. **Cities, Cemeteries and Resistance: Paris and the Modern Rationalization of Death**. Disponível em: <http://www.culturalstudies.ca/proceedings04/pdfs/bodnar.pdf> Acesso em 07 de novembro de 2011.

CARDOSO JÚNIOR, Hélio Rebello. Foucault e Deleuze em co-participação no plano conceitual. In: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. L.; VEIGA-NETO, Alfredo (Org.). **Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

FOUCAULT, Michel. **De outros espaços**. Tradução de Pedro Moura. Texto disponibilizado em 11 de Fevereiro de 2005. Disponível em: <www.virose.pt/vector/perifereia/foucault_pt.html>. Acesso em Agosto de 2013.

_____. **Estética: Literatura e pintura, música e cinema**. Forense Universitária. 2004. Rio de Janeiro e São Paulo.

_____. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. 13.ed. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

_____. O nascimento da medicina social. In: **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2010.

_____. Sobre a geografia. In: **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2010.

_____. **Segurança, Território e População**. Martins Fontes. 2008, São Paulo.

_____. **Vigiar e Punir: história das prisões**. Petrópolis: Vozes.

GREINER, Christine; AMORIM, Claudia. (orgs.) **Leituras da Morte**. São Paulo: Ed. Annablume, 2007.

MARTINS, Carlos José. Utopias e heterotopias na obra de Michel Foucault: pensar diferentemente o tempo, o espaço e a história. In: RAGO, Magareth; ORLANDI, Luiz B. L.; VEIGA-NETO, Alfredo (Org.). **Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

NÓBREGA, Christus Menezes da. **Arte, tecnologia, espaço: Reflexões para uma nova configuração espacial do morar**. Disponível em <http://arte.unb.br/7art/textos/ChristusNobrega.pdf>. acesso em 07 de novembro de 2011.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. LINHARES, Maria Yedda L. Região e História Agrária. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol.8, n. 15, 1995. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/1998>. Acesso em 29 de abril de 2013.

VEIGA-NETO, Alfredo. **As duas faces da moeda: heterotopias e emplazamientos curriculares**. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S0102-46982007000100013&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em 3 de fevereiro de 2012

WARNICKE, Margaretha. **Cemeteries as Heterotopias: Insights from Arizonan Communities**. PAT-Net Conference Paper, 2010. Disponível em: [http://myweb.unomaha.edu/~aeikenberry/Papers/Warnicke PAT-Net 2010 Final.pdf](http://myweb.unomaha.edu/~aeikenberry/Papers/Warnicke_PAT-Net_2010_Final.pdf). Acesso em 07 de novembro de 2011.